



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

# FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Conceitos sobre religião e religiosidade,  
fé e razão, teologia e filosofia.



INSTITUTO DE TEOLOGIA  
**LOGOS**

# INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

*PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ*

*CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA*

DISCIPLINA

## FILOSOFIA DA RELIGIÃO

*(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)*

BRASIL, MA

*Versão 2021*

*Pesquisa e Organização do Conteúdo:*

**Instituto de Teologia Logos, EA**

*Gráficos, Edição e Finalização:*

**Instituto de Teologia Logos, EEG**

---

**DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP**

CÓDIGO DCIP: 001-032-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON32

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **FILOSOFIA DA RELIGIÃO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 72 pgs.

---

**Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino**

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | [institutedeteologialogos@hotmail.com](mailto:institutedeteologialogos@hotmail.com)

# SUMÁRIO

<b>1 - DEFININDO A FILOSOFIA DA RELIGIÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1. PARA QUE SERVE A FILOSOFIA? .....	9
1.2. A ATITUDE FILOSÓFICA DE UM ESTUDANTE.....	9
1.3. O OBJETO DE ESTUDO DA FILOSOFIA .....	10
1.4. MÉTODO .....	11
1.5. DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA DA RELIGIÃO .....	11
1.6. FILOSOFIA DA RELIGIÃO E TEOLOGIA.....	13
1.7. FILOSOFIA DA RELIGIÃO E A CIÊNCIA DA RELIGIÃO .....	13
1.8. FILOSOFIA DA RELIGIÃO E A FILOSOFIA .....	13
<b>2 - A DIFICULDADE DE UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO.....</b>	<b>16</b>
2.1. DEFININDO O DIÁLOGO ENTRE FÉ E RAZÃO .....	17
2.2. CONFLITOS E CONCILIAÇÃO ENTRE A FÉ E SABER .....	22
2.3. PATRÍSTICA .....	23
2.4. ESCOLÁSTICA .....	23
2.5. A QUESTÃO DOS UNIVERSAIS .....	24
2.6. SITUAÇÃO DA FILOSOFIA DA RELIGIÃO HOJE .....	24
<b>3 - A CRÍTICA RELIGIOSA .....</b>	<b>31</b>
3.1. RENÉ DESCARTES (1596-1650).....	35
3.2. BLAISE PASCAL (1623-1662).....	36
3.3. BARUCH SPINOZA (1632-1677) .....	36
3.4. DAVID HUME (1711-1776).....	38
3.5. IMMANUEL KANT (1724-1804).....	39
3.6. GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL (1770-1831).....	40
3.7. FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900).....	42
3.8. SIGMUND SCHLOMO FREUD (1856-1939) .....	43
<b>4 - A VERDADE NA FILOSOFIA .....</b>	<b>46</b>
4.1. MÉTODOS PARA SE CHEGAR A VERDADE - DOGMATISMO .....	47
4.2. A TEORIA DA “ALETHEIA” .....	47
4.3. A TEORIA “VERITAS” .....	47
4.4. TEORIA DA “EMUNAH” .....	48
4.5. A TEORIA PRAGMÁTICA .....	49
<b>5 - A RELIGIÃO EM UMA SOCIEDADE PLURALISTA .....</b>	<b>51</b>
5.1. INTERPRETAÇÕES DO CRISTIANISMO .....	54
<b>6 - RELIGIÕES PRIMITIVAS, SUPERIORES E XAMANISMO.....</b>	<b>59</b>
6.1. RELIGIÕES PRIMITIVAS.....	59

6.2.	RELIGIÕES SUPERIORES.....	59
6.3.	XAMANISMO .....	60
<b>7 -</b>	<b>O CULTO AFRO-BRASILEIRO .....</b>	<b>62</b>
7.1.	XANGÔ.....	62
7.2.	TAMBOR-DE-MINA.....	62
7.3.	CANDOMBLÉ-DE-CABOCLO .....	63
7.4.	BABAÇUÊ.....	63
7.5.	UMBANDA .....	63
7.6.	PAJELANÇA .....	63
7.7.	CATIMBÓ.....	64
<b>8 -</b>	<b>ANIMISMO NA CULTURA AFRICANA.....</b>	<b>66</b>
8.1.	O ANIMISMO ENTRE OS BAKONGOS SE CONFUNDE COM A PESSOA DE DEUS.....	66
8.2.	AS FONTES DA DIVULGAÇÃO DO ANIMISMO ENTRE OS BAKONGOS .....	66
8.3.	LUGARES E OBJETOS VENERADOS .....	67
<b>9 -</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO, CARACTERÍSTICAS E SIGNIFICAÇÃO DE RELIGIÃO .....</b>	<b>70</b>
9.1.	O POLITEÍSMO .....	70
9.2.	O PANTEÍSMO .....	70
9.3.	O DEÍSMO .....	70
9.4.	O MONOTEÍSMO .....	70
9.5.	ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DOS SISTEMAS RELIGIOSOS .....	71

## APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.





**AULA**  
**01**

# 1 - DEFININDO A FILOSOFIA DA RELIGIÃO

A Filosofia da Religião é um ramo filosófico que investiga a esfera espiritual inerente ao homem, do ponto de vista da metafísica, da antropologia e da ética. Ela levanta questionamentos fundamentais, tais como: o que é a religião? Deus existe? Há vida depois da morte? Como se explica o mal? Estas e outras perguntas, ideias e postulados religiosos são estudados por esta disciplina.

Há uma infinidade de religiões, compostas de distintas modalidades de adoração, mitologias e experiências espirituais, mas geralmente os estudiosos se concentram na pesquisa das principais vertentes espirituais, como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, pois elas oferecem um sistema lógico e elaborado sobre o comportamento do planeta e de todo o Universo, enquanto os orientais normalmente se centram em uma determinada filosofia de vida. Os filósofos têm como objetivo descobrir se o olhar espiritual sobre o Cosmos é realmente verdadeiro.

Em suas pesquisas o filósofo da religião adota como instrumentos teóricos a metodologia histórico-crítica comparativa, que contrapõe as mais diversas religiões, espacial e temporalmente, para perceber suas semelhanças e o que as distingue, logrando assim visualizar o núcleo central dos eventos religiosos; a filológica, que realiza a investigação dos vários idiomas, comparando-os e buscando expressões usadas para se referir ao sagrado, estabelecendo assim o que elas têm em comum; e a antropológica, que resgata o passado espiritual dos povos ancestrais e dos contemporâneos, seus institutos, suas convicções, seus ritos e seus valores. Cabe à Filosofia da Religião realizar uma correta associação destes distintos métodos, para assim perceber claramente o que é essencial nas religiões.

Em todas as religiões vigentes no Ocidente há algo em comum, a fé em Deus. A Divindade é vista como um Ser sem corpo e eterno, criador de tudo que existe, extremamente generoso, perfeito e todo-poderoso, ou seja, onipotente, conhecedor de tudo, portanto onisciente, presente em toda parte, melhor dizendo, onipresente. Esta é a imagem teísta de Deus, aquela que proclama sua existência. Tomás de Aquino defende pelo menos cinco argumentos a favor da presença de Deus no Universo, entre eles o ontológico, o cosmológico e o do desígnio. Estas ideias foram renovadas pelos pensadores modernos Alvin Plantinga e Richard Swinburne, que tornaram estes conceitos mais complexos. A compreensão de Deus pode ser racional, portanto do âmbito da Teologia Natural, ou percebida do ponto de vista da fé, constituindo a Teologia Revelada.

Anteriormente ao século XX, a trajetória filosófica ocidental procurava explicar alguns ângulos das tradições pagãs, do judaísmo e do Cristianismo, ao passo que no Oriente, em práticas espirituais como o hinduísmo, o budismo e o taoísmo, não é fácil perceber até que



ponto uma pesquisa é de natureza religiosa ou filosófica. Não é fácil para esta disciplina delimitar um objeto de estudo adequado, do ponto de vista religioso. Segundo estes filósofos, mesmo que se alcance uma caracterização correta de Deus, ainda resta encontrar uma razão para se pretender sua existência.

### 1.1. Para Que Serve a Filosofia?

Para que serve a filosofia? Porque estudá-la? De que forma ela pode ser útil em meu curso teológico? Estas são algumas das perguntas que o estudante de teologia faz?

Vemos na filosofia as seguintes utilidades:

- É um instrumento de reflexão que pode ser utilizado pelo pastor, ou pelo estudante de teologia. Quantos líderes, pastores e professores formadores de opinião têm dificuldades de produzir um pensamento bem estruturado, organizado e objetivo.
- A filosofia permitirá que o aluno compreenda melhor a teologia, pois muitas questões teológicas nascem de problemas filosóficos. Exemplo. O problema da origem do mal na filosofia é respondido na teologia com a doutrina do pecado. O conceito de determinismo na filosofia é respondido na teologia com a doutrina dos decretos de Deus. O Calvinismo vem de uma visão filosófica determinística.

### 1.2. A Atitude Filosófica de um Estudante

Em nosso cotidiano, nossa vida é composta de crenças. Com relação a crenças precisamos tratar dos seguintes aspectos:

- Estamos acostumados com muitas de nossas crenças, e por estarmos acostumados, não refletimos sobre elas. Geralmente, afirmamos que cremos em Deus, na Bíblia, cremos em demônios, anjos, cremos numa vida pós morte, mas poucas vezes procuramos responder a seguinte pergunta: Porque eu creio nestas crenças? Que provas eu tenho para garantir que as minhas crenças estão certas e a de outra pessoa erradas?
- A atitude filosófica ocorre quando uma pessoa não aceita como obvia e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana. Todos estes fatos com os quais nos acostumamos precisam passar por um processo de investigação. E isto definimos como atitude filosófica.

Perguntaram a um teólogo: Para que a filosofia? Ele respondeu: Para não darmos nossa aceitação imediata as coisas, sem maiores considerações.

Muitas heresias e movimentos prejudiciais chegam à Igreja pelo fato, de não termos o cuidado de considerarmos melhor as novidades que surgem.

A atitude de pensamento filosófico acontece quando “...tomamos distância do nosso mundo costumeiro, através de nosso pensamento, olhando-o como se nunca o tivéssemos visto antes, .....como se estivéssemos acabando de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos.”

### 1.3. O Objeto de Estudo da Filosofia

Toda disciplina tem um objeto de estudo. A teologia estuda Deus, sua revelação e o modo como ele se relaciona conosco. Então qual o objeto de estudo da filosofia?

O conceito antigo de filosofia. Entre os antigos gregos a filosofia era a ciência universal. Ela abarcava quase todo o conjunto de conhecimentos humanos, como ciências físicas, teóricas como matemática, arte, política, etc... Na idade média isso começou a mudar, pois as ciências conquistaram sua autonomia da filosofia. Essa separação é hoje um fato consumado. Portanto, o campo de estudo filosófico não abrange mais todos os campos do conhecimento humano como antigamente.

Nos dias atuais a ciência, a filosofia e a teologia tem objetos de estudos bem diferentes.

- A ciência se aquartela na determinação das leis dos fenômenos existentes na natureza. Ela estuda a mecânica do funcionamento da natureza e procura criar teorias e leis que expliquem racionalmente o modo como estes elementos funcionam. A ênfase da ciência esta no como as coisas funcionam.
- A filosofia se concentra nas questões que vão além da realidade natural e física, e por isso ela ultrapassa a dimensão física e natural da realidade alcançando a dimensão das questões de caráter imaterial. A filosofia trata de questões imateriais como os sentimentos, o raciocínio, o pensamento, a questões de valor, as questões éticas, ou ainda de juízo, etc...
- A teologia trata das questões de fé, que possuem caráter sobrenatural. Convém dizer que questões de fé não possuem explicações que seguem rigorosamente os princípios e normas da razão. A crença em Deus é uma questão de fé, a crença nas escrituras é uma questão de fé.

## 1.4. Método

Para o estudo da Filosofia da Religião são usados os métodos histórico-crítico comparativo, o filológico e o antropológico. O primeiro deles compara as várias religiões no tempo e no espaço, em busca de seus aspectos mais comuns e suas diferenças, para verificar o que constitui a essência do fenômeno religioso. O segundo faz o estudo comparativo das línguas, visando encontrar as palavras utilizadas para descrever e expressar o sagrado e suas raízes comuns e o terceiro método procura reconstruir o passado religioso tendo por base a etnologia (estudo dos povos primitivos e atuais, suas instituições, crenças, rituais e tradições). A Filosofia da Religião deve fazer uma adequada conjugação desses métodos "para obter a melhor soma de elementos para chegar à conclusão mais correta sobre a essência da religião e suas características universais."

## 1.5. Desenvolvimento da Filosofia da Religião

Até o século XX, a história do pensamento filosófico ocidental encontrava-se intimamente associada às tentativas de esclarecer certos aspectos do paganismo, do judaísmo e do cristianismo, enquanto que em tradições como o hinduísmo, o budismo ou o taoísmo, há uma distinção ainda menor entre a investigação filosófica e a religiosa.

O problema clássico de conceber um objeto apropriado para a crença religiosa consiste em compreender se é possível lhe atribuir algum termo: fará sentido dizer que esse objeto cria e conhece coisas, que deseja certos acontecimentos, que é bom ou providencial, que é uma ou muitas coisas?

Na teologia da via negativa afirma-se que Deus só pode ser conhecido quando negamos que os termos vulgares possam ser-lhe aplicados; outra sugestão influente é a de que os termos vulgares só se lhe aplicam metaforicamente, não existindo qualquer esperança de eliminar essas metáforas. Mas mesmo que se chegue a uma descrição do Ser Supremo, continuamos com o problema de encontrar um motivo para se supor que exista algo correspondente a essa descrição.

A época medieval foi a mais fértil em pretensas demonstrações da existência de Deus, como as cinco vias de Santo Tomás de Aquino, ou o argumento ontológico de Santo Anselmo. Essas provas deixaram de ter ampla aceitação desde o século XVIII, embora ainda convençam muitas pessoas e alguns filósofos.

De uma maneira geral, até os filósofos religiosos (ou talvez estes em especial) têm sido cautelosos em relação às manifestações populares da religião. Kant, um simpatizante da fé religiosa, distinguiu várias perversões dessa fé: a teosofia (uso de concepções transcendentais que confundem a razão), a demonologia (favorecimento de concepções

antropomórficas do Ser Supremo), a teurgia (ilusão fanática de que esse ser pode nos comunicar sentimentos ou de que podemos exercer influência sobre Ele) e a idolatria ou a delusão supersticiosa de que podemos nos tornar aceitáveis perante o Ser Supremo através de outros meios que não o de ter a lei moral no coração (Crítica da faculdade do juízo, II.28).

No entanto, essas tendências para o contato arrebatado têm se tornado cada vez mais importantes na teologia moderna. Desde Feuerbach há uma tendência crescente na filosofia da religião em se concentrar nas dimensões sociais e antropológicas da crença religiosa, ou para a conceber como uma manifestação de várias necessidades psicológicas explicáveis.

Outra reação consiste numa fuga para o elogio do comprometimento existencial puramente subjetivo. No entanto, o argumento ontológico continua a atrair a atenção, e as tendências antifundacionalistas da epistemologia moderna não são inteiramente hostis às pretensões cognitivas que se baseiam na experiência religiosa.

A Filosofia da Religião é uma disciplina atual, bem contemporânea, floresceu por volta do século XVIII. Desta forma:

A denominação «filosofia da religião» é muito recente. Alguns autores atribuem-na ao kantiano L. H. Jacob, em 1797, enquanto outros apontam como seu autor o jesuíta Sigismund von Storchenau (1731 – 1798), professor de Lógica e de Metafísica na Universidade de Viena que, entre 1773 e 1789, publicou, com esse título, uma obra de doze volumes destinada a mostrar a harmonia entre o pensamento racional e a religião revelada. Ele mesmo se declara «autor da Religions philosophie» (1785).

Alguns autores costumam intitular Kant como o pai da filosofia da religião, tendo esta um sentido mais de ciência propriamente dito.

Por mais que o fenômeno religioso e as buscas pela religião se encontrem na história desde os primeiros pensadores, a disciplina como tal só passou a ser depois de ter percorrido toda corrente filosófica deixada pelas escolas alemãs e que se estende até os nossos dias.

A Filosofia da Religião é uma disciplina autêntica, possui seu próprio valor e que “tenta esclarecer o ser e a essência da religião”, isto é, o que a religião realmente é. Trata-se do estudo dos problemas relacionados filosoficamente a Deus e à Religião; em curtas palavras, o objeto da Filosofia da Religião trata-se da própria Religião, sem se valer de uma Revelação. Ela se destaca das demais ciências com autoridade e argumentos lógicos e metafísicos, separando-se, assim, da Teologia, das Ciências da Religião e da própria Filosofia.

## 1.6. Filosofia da Religião e Teologia

Existe uma relação estabelecida entre Filosofia da Religião e a Teologia, como se costuma dizer “a filosofia é serva da teologia”, o mesmo abrange a Filosofia da Religião. Partindo disso, afere-se que “filosofia da religião é doutrina das funções religiosas e de suas categorias. Teologia é apresentação normativa e sistemática da plenificação concreta do conceito de religião”. Não se trata de duas coisas semelhantes entre si, pois são disciplinas distintas. Uma reflete sobre o homem e suas buscas pelo transcendente (a Filosofia da Religião) e a outra apresenta o meio para pelo qual o homem irá manifestar sua religiosidade (a Teologia). O limite da Filosofia é o transcendente, o qual ela não alcança, e este já é o campo da Teologia, que proporciona a compreensão das doutrinas próprias da Religião em específico.

## 1.7. Filosofia da Religião e a Ciência da Religião

Ao confrontar-se a Filosofia da Religião com a Ciência da Religião, pode-se afirmar serem estas mais semelhantes do que a própria Teologia com a Filosofia da Religião. Na verdade, elas realmente são mais semelhantes, porém não são iguais. A Filosofia da Religião parte da investigação de “si mesmo e do ser”. Ela busca compreender o mundo e seus fenômenos, “lançando suas raízes no profundo da consciência humana” e sempre comprometendo-se com a investigação criteriosa sobre a verdade e as causas; porém, não pressupõe dados revelados de fé. Já a Ciência da Religião investiga a religião e toda a sua manifestação de forma empírica, sem se questionar sobre a verdade ou as causas. Trata-se de uma investigação de cunho mais científico e sistemático do fenômeno, como o próprio nome já identifica. Não é uma reflexão filosófico-fenômeno, como a filosofia, e sim histórico-crítica, que tem em vista uma investigação sobre os fatos reais ocorridos e comprovados e a análise das diversas manifestações religiosas, partindo de uma “religião comparada” e pressupondo dados revelados de fé.

## 1.8. Filosofia da Religião e a Filosofia

Tornar-se-á algo muito estranho ter que colocar frente à Filosofia da Religião a própria Filosofia, mas se se observar do ponto de vista da Filosofia, compreende-se que muitas vezes ela abre mão do juízo das coisas sobre a religião. A Filosofia não tem como objeto de pesquisa a religião como a Filosofia da Religião, mas o homem e a sua busca pelas causas primeiras. A Filosofia se esquece de que o fenômeno religioso só existe a partir do momento em que o homem o cria. Se o homem não buscasse “religar-se” com um Ser divino, que de algum modo foi afastado, a Filosofia da Religião não existiria.



O que acontece com relação entre a Filosofia da Religião e a própria Filosofia é uma divergência simplesmente pelo fato do nome “religião”, em que a figura divina apresentada pela religião é totalmente oposta à compreendida pela Filosofia tradicional. Os pensadores se esquecem de que o fenômeno religioso é algo que surgiu muito antes do próprio pensar filosófico:

Como a religião é anterior à filosofia, a reflexão filosófica buscará refletir sobre sua maneira de ser e sobre sua essência. Tal reflexão, porém, também terá consequências, ou seja, a religião criticamente refletida. A filosofia tem seus objetivos em comum com a religião porque o objetivo de ambas é a verdade, no sentido mais alto da palavra, isto é, enquanto Deus, e somente Deus, é a verdade.

Em síntese, o religioso não seria em nada diferente do filósofo, pois buscam a verdade última a cerca de todas as coisas, que para o religioso é Deus. Assim, o religioso não passa de um filósofo que reflete sobre a fé.

A religião também faz parte da Filosofia, por isso a existência da disciplina Filosofia da Religião, pois a religião está presente nas diversas ações do homem em seu cotidiano.

Sendo assim, “a religião é um dado que está aí e não se funda na filosofia”, mas se faz necessária da Filosofia para melhor compreendê-la, como supracitado, a religião se torna “criticamente refletida”. Nela, o homem busca compreender sua causa primeira e seu fim último, que é próprio da busca dos filósofos, por mais clássicos que eles sejam. Trata-se da própria inquietação da alma humana, que necessita cada vez mais de respostas sobre a sua existência e sua necessidade de viver em comunidade.





**AULA**  
**02**

## 2 - A DIFICULDADE DE UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Entre nós, a filosofia da religião certamente não é uma prioridade. Para isso há diversas razões. Por um lado, em nossa época, predomina a consciência marcada pelo saber científico, pela técnica e pela crítica iluminista, centrada na imanência. Tal postura ignora o pensamento religioso. Por outro, nas últimas décadas, a teologia pulverizou-se em tantas teologias que, no meio cristão, a única coisa comum que sobrou parece reduzir-se ao recurso à Bíblia.

A racionalidade ocidental é uma cultura de reflexão, orientada pelo paradigma do monoteísmo, desde Platão até Hegel. Os movimentos críticos contra o pensamento religioso e o próprio ateísmo só se compreendem dentro do paradigma monoteísta. A referência à questão de Deus, também ex negativo e indiretamente, permanece determinante até Marx, Nietzsche e Freud.

Apesar disso, não podemos ignorar uma ruptura evidente com a tradição metafísica e teológica. A filosofia moderna, conscientemente, distanciou-se da teologia, deixando assuntos de transcendência para a arte e a literatura, ou para as preferências subjetivas. Sem referência positiva ou crítica à tradição metafísica e religiosa, não só o problema de Deus torna-se impensável e incompreensível, mas a própria racionalidade ocidental.

Se por filosofia se entender o movimento do pensar que se questiona em relação à realidade global e em relação à vida humana global, o fenômeno da religião pertence aos seus objetos. A reflexão filosófica indaga, por um lado, se a forma prática de vida que se costuma designar “religião” é racionalmente responsável e, por outro, se o que nela se pressupõe como realidade é verdadeiro.

Nos tempos modernos, Hume e Kant formularam novas questões à religião: Qual a relação entre religião e razão? Hume pergunta: Qual o fundamento da religião na razão? Qual a origem da religião na natureza humana? Kant tentou pensar a religião “dentro dos limites da razão pura”. Mas é a religião racional, no sentido de poder ser reduzida à razão? De qual conceito de razão devemos partir? A religião arraiga-se exclusivamente na razão ou tem outra raiz também?

Uma religião é um todo. Quando examinamos a relação entre religião e razão, teremos que partir desse todo. A fé religiosa busca explicações, mas ela mesma não é objeto de explicação. Sua racionalidade situa-se na sua capacidade de esclarecer. Dá sentido à vida, na medida em que a interpreta. Portanto, a racionalidade é condição necessária mas não suficiente do vigor hermenêutico de uma fé religiosa.

A fé religiosa não depende de uma prova ou de uma justificação filosófica. A linguagem religiosa trabalha com símbolos, e símbolos não se diluem num sistema filosófico argumentativo. O ato religioso caracteriza-se por uma certeza irrefletida da presença daquele a quem se dirige na oração. Portanto, não se baseia numa prova filosófica. Com isso não se diz que a filosofia é sem importância para a fé religiosa. O mundo da vida sempre será mais amplo e mais rico que o da racionalidade científica e filosófica.

## 2.1. Definindo o Diálogo Entre Fé e Razão

O diálogo entre filosofia e religião é tão antigo como a própria filosofia. A partir da tensão desafiadora entre conhecimento autônomo e fé gratuita, desenvolveram-se sistemas filosóficos e projetos teológicos. Mas, se, no passado distante, a religião pertencia aos temas centrais da reflexão filosófica, nos tempos modernos e recentes, o problema dos fenômenos religiosos é cada vez mais marginalizado. O homem moderno esclarecido evita argumentos religiosos como evita falar de Deus. Consideram-se tais coisas reservadas ao púlpito ou simplesmente pertencentes à esfera íntima e privada de cada pessoa ou, então, quando muito, busca-se espaço para a crítica do conceito de Deus e de religião.

Os padres, no início do cristianismo, a fim de anunciarem a fé cristã para dentro da cultura helenística, determinada pela filosofia, assumiram a crítica dos mitos dos filósofos anteriores a Cristo e constataram que revelação e fé dos cristãos deveriam ser examinadas pela razão filosófica. A teologia cristã nasce do confronto com a crítica filosófica da religião.

Conscientes dessa situação, perguntamos: Deus é um tema filosófico?

Tradicionalmente Deus é assunto tratado na disciplina filosófica da teodicéia ou da teologia filosófica. A pergunta por Deus, ao menos como pergunta, é inevitável. Sem ela, a religião ficaria incompreensível. As ciências da religião podem e devem limitar-se ao fenômeno religioso, examinando-o sob o aspecto de sua competência. Historicamente, a palavra Deus é, antes de mais nada, uma palavra da linguagem religiosa. Mas essa palavra indica uma problemática que também tem grande relevância para a filosofia. Na verdade, desde a antiga Grécia, a filosofia dedicou-se sempre a esse tema, embora o encontrasse na religião. O fato de a palavra Deus não ter sua origem na filosofia não impede que esta se refira ao seu significado, indagando da significação e verdade de seu conteúdo. Um exemplo clássico são as “cinco vias” de Tomás de Aquino. O resultado de cada argumentação é designado de *primum movens*, ou *causa prima*, ou *per se necessarium*. Segue, então, a proposição “*quod omnes dicunt deum*” (o que todos chamam deus). Tomás vincula o resultado de um pensamento filosófico, que usa conceitos filosóficos abstratos, com uma palavra fundamental da linguagem religiosa. Com tal identificação,

# PARABÉNS!!!

**VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!**

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

**:: CURSOS DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia)

**:: BLOG DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia)